

MARGARIDA TENGARRINHA, *DA MEMÓRIA DO POVO — RECOLHA DE LITERATURA POPULAR DA TRADIÇÃO ORAL DO CONCELHO DE PORTIMÃO*, Lisboa, Edições Colibri (Coleção “Sociedade e Quotidiano”), 1999; 248 pp. [Prefácio de Urbano Tavares Rodrigues]

Maria Aliete Galhoz\*

Margarida Tengarrinha oferece-nos, nesta obra, um leque bastante diversificado do património, adentro das “artes da fala”, correndo nas memórias do povo do concelho de Portimão. O fruto da sua recolha, os “textos” que recebeu, transcreveu e estudou, é aqui editado com uma valência, cremos, primeiro que tudo pedagógica. Assim, os textos agrupam-se por “manchas de leitura” com uma coerência interna aglutinadora, aparecendo ordenados sob uma classificação entre formal — segundo os “géneros”, como “contos”, “lendas”, “romances”, “orações”, por exemplo — e temática — por “fundos de sentido” semantizados nas comunicações: “bruxas e bruxedos”, “benzeduras, mezinhas, maldições e superstições”, “poesias maliciosas”, por exemplo.

Na página 11 do livro consta um índice-sumário em que se registam doze “items” discriminados. Estes “items” têm, no corpo do livro, um a um, a preceder os textos respectivos, uma nota explicativa onde a colectora/editora contextua, ou reflecte sobre, as matérias incluídas e as suas características. Reproduzimos aqui esses “items” e indicamos, igualmente, a presença das notas, pois nos informam, desde logo, sobre o seu conspecto:

- p. 19 - Bruxas e Bruxedos [pp. 19-24 + pp. 25-44]
- p. 45 - Benzeduras, Mezinhas, Maldições e Superstições [pp. 45-48 + pp. 49-58]
- p. 59 - Lendas [pp. 59-62 + pp. 63-74]
- p. 75 - Contos [pp. 75-78 + pp. 79-93]
- p. 95 - Lengalengas [pp. 95 + pp. 96-99]
- p. 101 - Romances [pp. 101-102 + pp. 103-107]
- p. 109 - Poesias sujeitas a mote (temas vários) [pp. 109-110 + pp. 111-126]
- p. 127 - Despiques [p. 127 + pp. 128-147]
- p. 149 - Poesias Maliciosas [pp. 149-150 + pp. 151-174]
- p. 175 - Quadras Soltas [pp. 175-176 + pp. 177-193]
- p. 195 - Orações [pp. 195-197 + pp. 198-213]
- p. 215 - A Terra na Poesia Popular recolhida na Freguesia da Mexilhoeira Grande [pp. 215-219 + pp. 220-291]

A colectora/editora não pretendeu apresentar a sua arrumação dos textos, do *corpus* que recolheu e estudou, como uma “classificação de autoridade”, digamos assim, que não se coadunaria, por necessariamente mais restritivo, com o propósito, mais comunicativo e vigorosamente pedagógico, da sua pesquisa. Adentro desta opção, defende a sua distribuição e classificação textual do que possa vir a ser presumíveis discordâncias de leitores mais especializados. E fá-lo em termos de veemência que não vai sem forte toque de ironia combativa, sem dúvida sempre saudável chamada de atenção e também, a seu turno, passível de algumas reflexões moderadoras. Diz a autora na Introdução:

A grande diversidade do material registado e a opção de publicá-lo todo, assim como o facto de não ser uma especialista na matéria, dificultou a sua classificação e arrumação por capítulos e temas, com prejuízo duma sistematização que, neste caso, seria redutora. Mas considereei preferível nada rejeitar, sujeitando-me às críticas de alguns especialistas, certamente muito mais sabedores do que eu, mas mais à vontade nos seus gabinetes do que no contacto directo com aqueles que realmente detêm a sabedoria popular e que tão generosamente me souberam transmitir. (p. 17)

O material recolhido por Margarida Tengarrinha é, de facto, vários, uma tábua rígida de classificação não era fácil: apor-lhe-ia uma dispersão maior, quantitativa, nos agrupamentos, o que diminuiria os impactos de leitura compreensiva. Estes impactos vão surgindo dos blocos de coerência aglutinadora interna, mais semântica que taxionómica, como já apontámos atrás, que os justifica. Sente-se, contudo, a ausência do apoio de alguns índices classificatórios remissivos e aí, sim, por géneros e subgéneros taxativos, que uma numeração dos espécimes, um pouco de paciência mais, e as portas abertas de velhas ou novas “casas” institucionais com investigação nesta área, tornariam possíveis e reverteriam em utilidade de referência. Refiro, em abono deste desejo, e virtual possível, o impecável “Ficheiro de

---

\* CTPP “Prof. Manuel Viegas Guerreiro” da Universidade de Lisboa.

narradores”, pp. 233-247, do qual a colectora/editora indica, e nos é grato citar aqui, o elo amigo que a orientou na sua metodologia de registo:

O ficheiro de narradores, organizado segundo a orientação do Professor Manuel Viegas Guerreiro, grande especialista na matéria, a quem devo o inestimável apoio e estímulo para este trabalho, permite analisar a origem social, profissão, o nível escolar e cultural, a idade e a época provável em que os narradores terão retido na memória os relatos aqui publicados, assim como o volume de exemplares recolhidos em cada uma das três freguesias do concelho de Portimão. (“Introdução”, p. 16)

Dos labores textuais presentes na obra, “Bruxas e Bruxedos” (o primeiro) é particularmente rico, pela multiplicidade dos casos narrados numa fenomenologia do “estranho” cruzando o real comum. Participam de uma rede largamente emergente de situações e relações típicas em que as vivências, os relatos e as transmissões repetem paradigmas, digamos assim, de sucessos que foram gerando como que os seus particulares estereótipos de identificação. Margarida inclui, aqui, 15 relatos, excelentemente transcritos e titulados, de “casos” ouvidos, ou assistidos, ou pessoalmente acontecidos aos narradores. De “Medos”,<sup>1</sup> numa encruzilhada funda, ao anoitecer, tive eu mesma uma experiência, quase alucinante, quando era garotinha, no sítio da Nora, freguesia de Messines, concelho de Silves. Vinha eu da aldeia para casa, que era pegada à escola e isolada, quase ao lusco-fusco. Dois caminhos, afundados, faziam encruzilhada onde havia uma árvore grande, alfarrobeira, que fazia escuro ali. Quando eu ia para virar para poente, em direcção a casa, um vulto negro saltou da árvore, com um berro, e foi desaparecer por cima do caminho, num terreno mais alto e com muro. Corri desenfreada até casa, e em casa, junto de minha mãe, levei um bocado até recuperar a fala. Diziam que apareciam bruxas naquela encruzilhada. Partida de brincalhão muito ágil, se o foi, e deve ter sido!, o que eu vi realmente foi “um Medo”. E qualquer leitor que tenha integrado o mundo rural ou pequeno-urbano onde circulavam estas “conversas”, contadas ou recontadas, de casos sempre nomeados acontecidos, e referenciados os locais e pessoas envolvidas, reconhecerá os informes, as peripécias ou acções e a interpretação dos efeitos. Por exemplo, para não pegar em relato de trágico processo, leia-se “A viúva dos Montes de Alvor”, o clássico assentimento de um pretendente com o fazer ingerir um alimento com uma mezinha de receita de feitiçaria para tal efeito — e o pícaro desfecho que às vezes tinha. Cito o miolo central que é exemplar:

Havia uma viúva (era dos Montes) e então havia um senhor que era viúvo e tinha alguma coisa, e a mulher o que ela havia de se lembrar? Pôs à ideia que havia de casar com aquele viúvo. E o viúvo ia lá a casa dela, ia namorar. Mês um belo dia, o qu’ela havia de se lembrar, fez dois bolos que deu ò fulano, ò homem que ia lá namorá-la. Eram uns bolos com uma mezinha que ela lá sabia. Mês o homem foi muito esperto e disse assim, lá p’ra ele, mês atão, que jêto ela vir-me a dar estes bolos? ele pega nos bolos, meteu os bolos à alzebeira e chega à alpendrada e deu os bolos ò burro. Ora o burro, depois de comer os bolos arrebatou a arreata e tudo e veio à casa da mulher. Veio à casa da mulher, meteu-lhe a cabeça dentro do postigo da porta, e fazia era zurrar pela mulher. Pois, o burro! pois os bolos eram p’ro homem ter ceguêras por ela e afinal quem teve foi o burro. (p. 40)

J. Leite de Vasconcellos, na T.P.P., refere, para o mesmo objectivo o mesmo estratagemas e, no que lhe contaram, o mesmo efeito público:

Uma velha ensinou a seguinte receita: quando uma rapariga quer que o namoro a ame de veras, faz um bolo de pão, polvilha-o nas mãos e diz:: Chapa daqui,/ Chapa dali,/ Quem te comer/ Morrerá por mim;/ depois mete-o no forno, e assim que estiver cozido, dá-o ao rapaz para ele comer. — Conta-se que uma vez um namorado a quem a sua ela tinha preparado o tal pão, o dera ao cavalo em vez de o comer; o cavalo, assim que pôde fugir, apresentou-se à porta da donzela, dando muitos couces — tudo por influência do feitiço. (Paços de Ferreira). (TPP, pp. 245-246)

No vulgar popular, casamentos um tanto desiguais, e em que a mulher se impunha com certo desdém, e o marido tudo lhe satisfazia, dizia-se que certamente lhe tinham “dado a beber qualquer coisa”. E era voz corrente que esses indivíduos ficavam sempre a sofrer algo do estômago, isto é, nunca mais gozavam de perfeita saúde.

<sup>1</sup> “Medo’ é a personificação de tudo o que é vago, desconhecido e assustador.” Adolfo Coelho, citado in J. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, 2ª edição, revista e aumentada com novos materiais do autor por Manuel Viegas Guerreiro, Lisboa, IN/CM, 1986, p. 319. Citaremos por TPP.

No bloco “Benzeduras, Mezinhas, Maldições e Superstições”, indicam-se as “benzeduras” com os textos enversados correspondentes e que são versões dos tipos canónicos mais usuais para cada uma. Salvo a nº [4], “Benzedura para as Dores”, curiosa vertente do romancinho do “Cordão de Nossa Senhora”, que se encontra registado em *Romanceiro Português e Brasileiro – Índice Temático e Bibliográfico* (dois tomos), de Manuel da Costa Fontes,<sup>2</sup> no item Z-“Romances e Canções Infantis”. Nós conhecemo-lo funcionando como oração, como canto de trabalho e como fazendo parte do reportório infantil mas ensinada como oração;<sup>3</sup> este espécime da freguesia de Mexilhoeira Grande parece-nos mais uma construção paralela do que uma versão da circulação vulgata do pequeno romancinho. Ainda neste núcleo vale a pena chamar a atenção para a “Reza para atrair ou fazer regressar o namorado”, formulação já um pouco atenuada de violentas rezas transgressoras e operativas, chamadas “Silêncios” e de que Teófilo Braga dá alguns espécimes do Algarve no vol. II do *Cancioneiro Popular Português*,<sup>4</sup> no capítulo “Orações e Cantigas de Romaria”. T. Braga não indica o ritual acompanhante. Margarida Tengarrinha refere a informação seguinte, para a de Alvor: “Esta reza é feita pela pessoa interessada e por uma acompanhante. A pessoa que faz a reza pega num pau de figueira brava e vai-lhe dando cortes com uma faca enquanto fala”. Citamos os dois espécimes

[Versão de Alvor]

Deus te salve, Sol divino  
Da terra que vens  
Viste lá... (diz o nome)  
A acompanhante responde:  
Vi sim, vi sim, vi sim!  
— Dá lá saudades que mando eu  
Que ele não possa apagar  
Nem queimar, nem beber  
Sem à minha casa vir dar.  
Quantos raios o Sol tenha  
Quantos abalos dê no coração  
Abalos p’ra me estimar  
E p’ra me querer bem  
E p’ra nunca mais me dêxar. (p. 56)

“Silêncio do Sol do meio-dia”

(Versão de Estombar – Alg.)

Deus te salve! Sol divino,  
Pelo pino do meio dia:  
Tu corres o mundo em volta:  
Viste lá o meu marido?  
Que ele comer não possa  
Nem beber nem falar  
Sem comigo vir estar  
Com todo o pato, com todo o pato,  
Com todo o pato real. (p. 209)

No núcleo preenchido por “Lendas” surgem as etiológicas e constantes de um imaginário colectivo muito largo, como “a da pègada de Nossa Senhora”, a de “Nossa Senhora e o linguado”; as religiosas do “aparecimento” da imagem fundadora de locais de culto (“do Senhor Jesus de Alvor”); as de “castigos” (penar) por transgressão do preceito de guardar os dias sagrados do culto (“Lenda do Sítio da Mulher Morta”) ou de transgressão dos preceitos sagrados de comportamento (“A alma penada de Odelouca”), pelo desvio defraudador dos marcos de partilhas de terras). Das restantes, fazemos reparo, ainda, à da “Senhora do Verde”, na peripécia da mudança da imagem para outro lugar de culto e a maneira como a Senhora, por fenómeno interpretado manifestação da sua vontade, não vai para onde não quer:

Resolveram tirar de lá [da ermida da Senhora do Verde, abandonada e arruinada] a Nossa Senhora e levá-la para a Mexilhoeira Grande numa carreta de bois. // Quando chegaram a Torre os bois não seguiam para a Mexilhoeira. Então viraram para os lados de Portimão. Chegando ao ramal de Alvor os bois empancaram ali, também nã queriam ir para Portimão. Brigaram, brigara, e os animais sem andar. Só quando voltaram para o lado de Alvor é que conseguiram levar a Nossa Senhora para lá. (pp. 63-64)

É uma recorrência tópica neste tipo de caso/narração do caso. Referimos, como exemplo das similaridades e sua constância na tradição, a “Lenda do Santo Lenho da Vera Cruz de Marmelar”, registada no *Hagiológico Lusitano*, de Jorge Cardoso, começado a publicar em 1652. Diz o seguinte, no tomo 3º, folio 53:

<sup>2</sup> Manuel da Costa Fontes, *O Romanceiro Português e Brasileiro – Índice Temático e Bibliográfico* 1 (com uma bibliografia pan-hispânica e resumos de cada romance em inglês), selecção e comentários das transcrições musicais de Israel J. Katz; correlação pan-Europeia de Samuel G. Armistead, Madison, The Hispanica Seminary of Medieval Studies, 1997.

<sup>3</sup> *Orações Populares de Portel*, recolhidas por J. A. Pombinho Júnior, edição crítica de Maria Aliete Galhoz, Lisboa, Edições Colibri – Câmara Municipal de Portel, 2001, textos 88 e 89, pp. 108-111.

<sup>4</sup> 2ª edição ampliada, Lisboa, J. A. Rodrigues e Cª Editora, 1913.

Passemos do Arcebispado de Braga, ao de Évora, e acharemos a Vera Cruz do Marmelar, Termo de Portel, Comenda hoje principal da militar Ordem de São João do Hospital de Jerusalém: esta famosa relíquia trouxe de Jerusalém Frei Afonso Pires Farinha Prior do Hospital, o qual edificou este mosteiro à instância do Mestre D. João de Aboim dando-lhe de esmola o sítio no ano de 1271 e dotando-o com grande bizzaria e liberalidade, como consta de uma célebre pedra que está na torre antiga da Vera Cruz.

É certo, segundo a tradição e voz constante, que vinha esta relíquia à Sé de Évora dirigida, e chegando ao Lugar da Fonte Santa, nunca a mula que a trazia, quis passar adiante, até que lhe foi tirada a sagrada carga, e para que não servisse em profanos usos, estalou de repente, com admiração de todos, que ali se acharam; e para ficar mais famoso o prodígio brotou da terra um canal de água, que hoje persevera com o título de Fonte Santa.<sup>5</sup>

O núcleo “Contos” insere nove textos variamente classificáveis. Integráveis na tábua de Aarne / Thompson temos: “História do Macaco e do Bago de Milho” (AT 2030A), “Conto do Garrocho ao Saco” (AT563\*A), “O Rei dos Mestres” (AT 753). Propriamente consideráveis como lendas “A Mulher-Cobra”, “O Pescador e o Cavaleiro”. “História do Furta-Pedro” é uma efabulação jocosa/humorística sobre “um criado esperto”. “O roaz na rede” pode considerar-se uma “história de exemplo”. “Quando Mai Longe Mai Loze” é uma fábula, ou um caso assim aproveitado, de escárneo de uma comunidade (aqui Portimão) para com outra comunidade (aqui Lagos), troçando-os de crédulos e pouco espertos. Cito o penúltimo texto, um delicioso pequeno sainete:

O Carelhinho d’El Rei (*versão de Alvor*)

Antigamente vinham muitos navios aqui a Alvor. Fundeavam fora da barra muitos navios. Num vinham uma vez os reis. E andava um homem à marèjana. Marèjana é uns covos e os pescadores punham berbigões pisados dentro das marèjanas para apanhar o pexinho. // De maneira que vinham os reis e as rainhas, as senhoras, e o rei chamou por um pescador que foi até lá ò pé do barco do rei. // Então pescador, o que é o pèxe que trazes aí? // Ai, trago vários pèxes. // Então e esse pexinho bonito que vem aí? Que pèxe é este? // Vossa Magestade, eu tenho medo de dizer o nome do pexinho. Tenho vergonha, que a sua senhora está aqui. // Diga já o nome do pèxe, se você não disser o nome do pèxe já sabe que vai preso. // Ai, pois atão digo, este pèxe é o carelhinho d’El Rei. (p. 92)

Bem, o “pexinho rei”, ou “pexinho d’el-rei, em Faro, nos anos duros de 40 do século passado, fazia parte da nossa alimentação, de muitos de nós, não de todos, com outras soluções também miúdas — berbigão, sardinha, carapau miúdo. Eu vivia, nesses anos, em Faro, durante o tempo de aulas, com uma velha criada que tomava conta de mim, numa pequena casa térrea no Largo de Ao Pé da Cruz. Senhora Franscisca ia à Praça, tínhamos ¼ de pão negro do racionamento para cada pessoa, algumas reservas caseiras de legumes secos, passava-se! O “pexinho rei”, ou “pichinha d’el Rei”, comia-se frito — enfiava-se um molho numa linha que se atava em redondo, e fritavam-se assim.

No item “Romances” são incluídos três textos sendo o primeiro, “O Romance de D. Alcandolino”, um versão do “Conde Ninho” (Costa Fontes, 1997 <sup>6</sup>: J. Amor Fiel, 1; Pere Ferré, 2001 <sup>7</sup>: “Romances de Amor Fiel”, IGR 0049 Conde Niño [O Conde Ninho]); o segundo, “Um Senhor de Alta Riqueza”, parece-nos ser uma cantiga de “sucessos”, matérias veiculadas pelos cegos cantores e vendedores dos respectivos folhetos; o terceiro é, talvez, incompleto, “uma quadra”, isto é, “quarteto” de mote, glosado em quatro décimas, de que parece estar registado aqui a primeira, a terceira e a quarta: trata-se de “quadra à mulher”, aqui no modelo da comiseração pela prostituta.

Um substancial reportório de “Poesias sujeitas a Mote”, a que se pode juntar, por tal serem também, os textos incluídos no item “Despiques”, até à p. 144. Para estas composições veja-se a sumariação dada, pela autora / colectora, na p. 110, e as observações analíticas que faz, referentes a “Poesias sujeitas a Motes”, e na p. [127] referentes aos “Despiques”. O último

<sup>5</sup> Cito do curioso e notável manuscrito “Relação Histórica da Nobre Vila de Portel”, por Francisco de Macedo da pina patalim, dos meados do séc. XVIII. Edição fac-similada da Junta de Freguesia de Portel e Câmara Municipal de Portel; à cura de Paulo Lima, 1992. Os fólhos não têm numeração.

<sup>6</sup> Ver referência na nota (2)

<sup>7</sup> *Romanceiro Português da Tradição Oral Moderna – Versões Publicadas entre 1828 e 1960*, II volume, organização e fixação de texto de Pere Ferré, com a colaboração de Teresa Araújo, Cristina Carinhas e Mirian Nogueira. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

texto integrado em “Despiques”, o único que não se apresenta em “quadra desenvolvida em décimas”, faz parte de um diálogo picaresco, que se apresenta como recitativo.

Do núcelo “Poesias Maliciosas”, e eu acrescentar-lhe-ia e “lúdicas” ou de *nonsense*, salientaremos dois clássicos, digamos assim, de enversamentos (em quadras desenvolvidas em décimas) de alusões eróticas de “campo” e “jogo” do amor. Uma é, sem dúvida, “A Quinta da minha Prima”, de que transcrevemos a primeira décima:

É uma quinta assituada  
Mesmo à beira dum regato  
Porque tem um bocado de mato  
Mesmo assim dá lá entrada  
Por todos é cobiçada  
Por ser quinta de bom clima  
E a todos agrada e anima  
Pois a nenhum mete medo  
E tem um formoso arvoredor  
A quinta da minha prima. (p. 163)

Outra, “O canequinho”, que nitidamente tem matriz em António Aleixo,<sup>8</sup> mas corre no colectivo da memória de todos os cantadores do Sul, transcrevemos a última décima, em que do picaresco/cómico se passa para um pequeno cómico auto-irónico comiserado:

<p>O Canequinho (Alvor) IV P’ra provar qu’eu sou pintor Mê pincel é qu’eu na deixo E nem só no pintar me alejo Eu sou um rico pintor Pintei uma linda flor E aqui o ano passado E alfim de qualquer verdade Da pintura perdi o tino E da pintura fiz um menino E da pintura fiquei pintado. (p. 166)</p>	<p>(António Aleixo) IV P’ra que vejam que sou pintor E meu pincel nunca deixo; P’ra que saibam que o Aleixo Não é somente cantor... Também pinto qualquer flor E faço qualquer bordado; Mas aqui o ano passado, Perdi, de pintar, o tino... Fui pintar, fiz um menino Pintei e fiquei pintado. (p.90)</p>
--	---

As “Orações” constituem um repositório não muito abundante, os espécimes enquadram-se (embora dados soltos): em algumas “orações da noite”, em que se pode integrar o “Padre Nosso da Palma” (2 versões), “Oração ao Senhor do Bom Conforto”, “Oração ao Anjo da Guarda”, “Oração Para os Pesadelos”; “contra as trovoadas” em que se incluem “Oração a S. Gregório”, “Oração a Santa Bárbara”; algumas fórmulas que acompanham o ritual do pão, pp. 198-199; uma oração de protecção de circulação impressa, “Oração do Santo Sepulcro”, uma oração de protecção das consideradas “orações fortes”, “Oração para as Bruxas Não Terem Entrada (ou Não Terem Pega)” [versão de “Justo Juiz Divinal”]; um cântico mariânico penitencial, “Oração dos Moribundos” [em redondilha menor, formulação com leixa-pren]; um fragmento de um “canto das almas”, “Canto das Almas ou ‘Amentar das Almas’”; um “canto de Reis”, “Oração dos Reis Magos”; um ensalmo a Santo António para achar coisas perdidas, “Oração a Santo António Para Achar Perdidos”. Deixámos para referir em final um curiosíssimo espécime, citado como oração, e que é uma “quadra”, isto é, um quarteto glosado em décimas e de “afundamento” religioso, fontes bíblicas. Tem o títulos “Resposta aos Fariseus”, e está nas pp. 200-201, para que remeto a leitura, na própria obra. Dou, apenas, dois surpreendentes correlatos que fazem supor algo comum de que descendem e que deve ter circulado fundo na Península Ibérica e na América Latina. Cito o mote desta “quadra” dita por Arsénio Boto Guerreiro em Alvor, em 1994 ou 1995, e o mote duma composição (“uma copla glosada em décimas antigas”) enviada para exame da inquisição, de Manila para a Cidade do México, em 1610.<sup>9</sup>

(De Alvor)  
Adão não soube pecar

(De Manila)  
Adán no pudo pecar

<sup>8</sup> António Aleixo, *Este Livro Que Vos Deixo...*, vol. II, Lisboa, Editorial Notícias, 9ª edição, 1998.

<sup>9</sup> Mariana Masera, “Textos poéticos populares en la Nueva España del siglo XVII”, in *Revista de Literaturas Populares*, Año I, número 2, Julio-Diciembre de 2001, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México.

E S. João não baptizou  
E Maria não ficou Virgem  
E Jesus Cristo não ressuscitou (p. 200)

Christo no resucitó  
San Juan no le bautizó  
Nadie se puede salvar (p. 8)

O último núcleo, “A Terra na Poesia Popular Recolhida na Freguesia de Mexilhoeira Grande”, é um fecho intencionado que cumula o impacto pedagógico que apontámos como uma razão no agenciamento deste livro. Há, aqui, uma lição de leitura antropológica, servida por um bom conhecimento socio-histórico do período temporal que mais testemunhou: dos anos quarenta a oitenta e tal da nossa contemporaneidade do século XX. É fácil deduzir essa intenção pela superfluidade formal do novo grupo: dos oito textos aqui lembrados, quatro integrariam o seu item “Quadras Soltas”, três o seu item “Poesias Sujeitas a Mote” e uma o seu item “Despiques”, aliás repetindo daí (no despique “Mar / Terra”) a “resposta” da Terra – pp. 133-134 em “Despiques”, pp. 229-231, em “Terra”.

O relevo dado a esta pequena selecção em final é explicitado e defendido nas quase cinco páginas da sua nota preliminar em que nos remete sobretudo para a configuração do mito e do símbolo: “Terra-Mulher”, “Terra-Divindade”, “Terra-Mãe”, “Terra-Madrasta”, “Terra-Princípio Feminino”, aqui, com este afundamento: “A Terra-Princípio Feminino de dádiva generosa de si própria, mas exigente da retribuição que só lhe pagamos em morrendo”, e de que Margarida Tengarrinha dá três formulações variantes e ressalta a do narrador Arsénio Boto Guerreiro, “mote” (desenvolvido em quatro décimas depois) “Eu sou devedor à terra / E a terra me está devendo / A terra me pagará / E eu sou lhe pago em morrendo”.

O real peso deste livro está, de facto, nos seus impactos de leitura com raízes e com projecções fortes. Esse percurso a editora / autora vai no-lo abrindo com energia, através dos textos, e com seu próprio discurso apaixonado, na sua dialéctica com o que emerge dos textos como significância, se nos impõe o dever de aceitar que se nos propõe uma causa em que todos somos parceiros — a unicidade da vida.